

# Ação FAP

Informativo da Fundação de Apoio à UNIFESP

Edição 10/ Nov/Dez de 2007

## Pró-reitor de Graduação explica o REUNI



▲ Prof. Luiz Eugênio: "O Reuni permitirá a implantação de programas de pós-graduação em novas áreas"

**“É irônico os estudantes terem invadido a administração justamente ali. Só para Guarulhos, o plano trará R\$ 27 milhões em obras de infraestrutura, mais professores e melhorias para o campus”**

**D**esde que foi instituído pelo Governo Federal, em abril deste ano, o Reuni - o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais do MEC - tem gerado manifestações em várias das universidades do País. Quem mais se queixa são grupos de estudantes, principalmente por conta do aumento da oferta de vagas nas instituições. Algumas delas, entre as quais a Universidade Federal Fluminense, a Universidade Federal do Paraná e a Unifesp-Guarulhos, tiveram suas reitorias invadidas por estudantes. "Recebemos informações de que essas ações foram arquitetadas por partidos radicais de esquerda e movimentos de forte cunho político, como MST e Conlutas", diz o pró-reitor de Graduação da Unifesp, Prof.Dr. Luiz Eugênio Araújo de Moraes Mello. "O movimento é cego. O que importa para eles é a contraposição ao Governo e a tudo. Eles têm uma visão antiga", diz ele. "É irônico os estudantes terem invadido a administração justamente ali. Só para Guarulhos, o plano trará R\$ 27 milhões em obras de infraestrutura, mais professores e melhorias para o campus", conclui Mello.

A participação da Unifesp no Reuni foi aprovada pelo Conselho Universitário em 17 de outubro último. O professor Luiz Eugênio destaca como um dos pontos positivos o fato do programa abrir formalmente uma oportunidade para a Universidade Federal de São Paulo fortalecer a estruturação dos cursos nas áreas de Química, Biologia e Humanidades. O Reuni permite, segundo o pró-reitor, a valorização da pós-graduação e da pesquisa pela Unifesp, também

nos novos campi. "A nossa graduação e extensão são tão boas quanto as melhores do país. Por outro lado, a nossa pesquisa parece ser a melhor, dependendo de como você olha e com quem você compara. Nós estaremos, portanto, recebendo recursos para fazer algo que nós já faríamos, como implantar programas de pós-graduação em áreas novas para nós como as Humanas e em Exatas nos novos campi", afirma o Prof. Luiz Eugênio.

Mas o Reuni tem pontos negativos já detectados pelo pró-reitor de Graduação da Unifesp. Um deles, além do volume de recursos, limitado pelo orçamento federal, é o tempo de duração: "Não se tem garantias de que o programa irá prosseguir depois dos 5 anos previstos".

Um dos objetivos do Reuni é aumentar a relação aluno/professor. Nesse quesito, o campus Vila Clementino exibe números maiores do que os propostos pelo Governo, chegando a uma relação de 7 alunos por professor se forem considerados os alunos da pós-graduação, conforme as normas do Reuni. Na opinião do Prof. Luiz Eugênio, essa é uma equação nem sempre benéfica para a qualidade do ensino. A explicação é simples: gasta-se muito para formar um número pequeno de profissionais.

Mais uma vez usando o campus Vila Clementino da Unifesp como parâmetro, os 90% de taxa de conclusão propostos pelo Reuni como ideal já são alcançados - e até superados. O fato é que esses números precisarão ser repetidos nos novos campi. "Com muito trabalho e planejamento, com certeza, eles serão alcançados", prevê o Prof. Luiz Eugênio.

# As áreas de competência da pesquisa biomédica na Unifesp

A produção científica brasileira quadruplicou nas duas últimas décadas. Esse aumento pode ser explicado pela estabilidade do investimento em pesquisa no País - decorrente da estabilidade econômica como um todo - e por mudanças na política das principais agências de fomento nacionais. A maior parte dessa produção está concentrada nas universidades públicas e institutos de pesquisa localizados na região sudeste, a mais rica do Brasil. A área do conhecimento de maior produção de artigos científicos é a da Medicina.

Uma das principais bases mundiais de dados científicos, a Science Citation Index informa que o Brasil aumentou a sua participação no total de artigos científicos no mundo, de 0,44% para 1,7%, no período de 1980 a 2006.

Entre as instituições que mais contribuíram para esses números está a Unifesp - Universidade Federal de São Paulo -, com um crescimento de 379% no número de artigos publicados, quase duas vezes maior que o observado nas 15 maiores universidades brasileiras, desde 1980. Esses dados foram apresentados recentemente pela Capes, a Coordenação de Aperfeiçoamento de

Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação e divulgados pelo Brazilian Journal of Medical and Biological Research.

Apesar da estatística favorável, a Unifesp não figura na lista das 500 mais importantes universidades mundiais feita pela Instituto de Altos Estudos da Universidade Jiao Tong, em Xangai, na China. Para o Prof.Dr. Rogério

**O Brasil aumentou a sua participação no total de artigos científicos no mundo, de 0,44% para 1,7%, no período de 1980 a 2006.**

Meneghini, coordenador geral da Scielo (Scientific Electronic Library Online) no Brasil, a base usada no estudo chinês é muito falha. "Eles ainda não usam o índice h, que quantifica o número de citações para um determinado artigo e que é usado pela comunidade científica de todo o mundo", aponta Meneghini. "Eu valorizo muito pouco os números desse estudo", completa. Um artigo da revista BioMed Central, em sua versão

eletrônica, do dia 25 de outubro de 2007, trata exatamente deste assunto e sentencia: essas listas de rankings de instituições internacionais de ensino e pesquisa não enfrentam o desafio de classificá-las com métodos adequados à avaliação da excelência nem do estudo nem da pesquisa.

Para a Profª Drª Helena Nader, pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo, ainda há um longo caminho a percorrer. "Apesar de várias notas máximas na avaliação da Capes, quando a gente compara em termos de internacionalização não estamos iguais a uma Harvard, uma Yale, não estamos iguais a uma Loyola American School, que não é das maiores. O mundo está falando uma linguagem, de fato, de colaboração", acrescenta ela. "Além disso, é

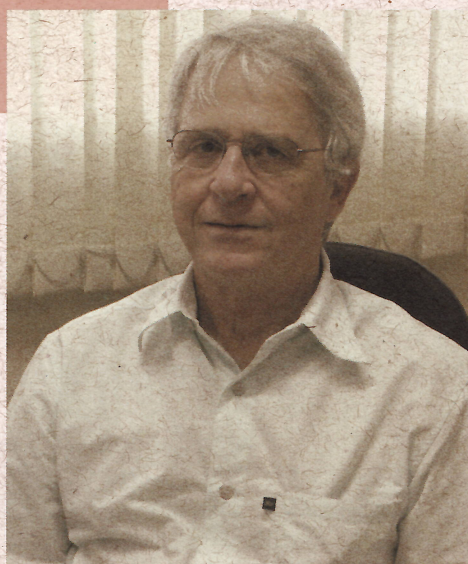
fundamental que a pesquisa na Unifesp cresça", completa a Profª Helena.

Para identificar e qualificar a produção científica da Unifesp, a Fap fez um levantamento usando como base os grupos de pesquisa ligados ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Foram selecionados 129 dentre os 200 grupos cadastrados do Diretório de Grupos de Pesquisa da Plataforma



▲ Profª Helena Nader acredita que a pesquisa na Unifesp precisa crescer para continuar forte.

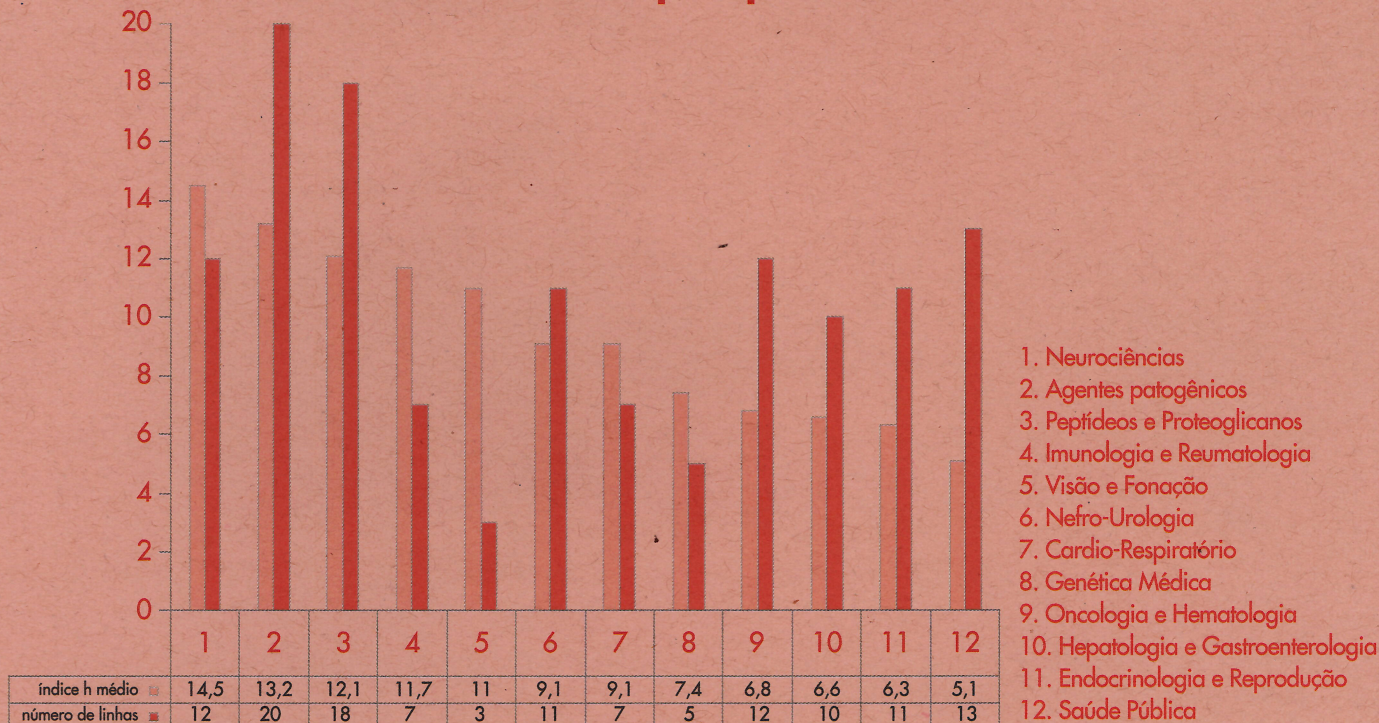


▲ "Precisamos produzir mais pesquisa", afirma Meneghini.



▲ O trabalho de Vera Salvadori mostra a qualidade da produção científica da Unifesp.

## Números de linhas de pesquisa e índice h médio



Lattes do CNPq 2006, agrupados em 12 grandes áreas. Dentro delas, as linhas de investigação.

Em seguida, os grupos foram classificados em pesquisa básica; orientada para a doença; orientada para o paciente e a pesquisa em saúde pública. "Escolhemos usar o modelo proposto pelos Prêmios Nobel de Medicina em 1985, Goldstein e Brown (J. Clin. Invest. 1997; 99:2803-2812). Ele se mostra tão eficiente quanto há 20 anos quando se trata da análise de vários grupos de pesquisa", diz Vera Aburesi Salvadori, da Fap-Unifesp. A investigação revelou que a pesquisa biomédica da Unifesp é composta de 44% de pesquisa orientada para o paciente, 33% orientada para a doença, 13% pesquisa básica e 10% de pesquisa para a saúde pública.

O passo seguinte foi avaliar a qualidade da produção científica de cada grupo de pesquisa a partir da avaliação feita pelo índice h do líder de cada um deles. O índice h é, por definição, igual ao número de trabalhos publicados ficará com, pelo menos, h citações. Por

exemplo, se o pesquisador tiver 5 ou mais citações em 5 trabalhos, o índice h dele será 5. "Há vários parâmetros quantitativos para se avaliar a produção científica de um pesquisador e o índice h, nos pareceu, o mais adequado", explica Vera Salvadori.

Os pesquisadores do Estado de São Paulo produzem tão bem quanto os da Europa e Ásia. No entanto têm que produzir mais, segundo Meneghini. "Essa estratégia não seria boa para melhorar os indicadores mas para melhorar a Ciência. Os indicadores viriam como reflexo. O problema é que isso leva tempo", diz ele.

Outro problema enfrentado pelo pesquisador brasileiro é o da remuneração pelo seu trabalho. "Em geral, os profissionais da área médica não se contentam em receber o que ganha um químico, um físico ou um biólogo, e acabam procurando outras fontes de renda, deixando a pesquisa de lado", analisa o Prof. Rogério Meneghini, que cita o Instituto do Coração, do Hospital das Clínicas como uma exceção. "No Incor, eles estão conseguindo fazer boa

pesquisa mesmo com os problemas financeiros que eles têm. Tem gente lá que praticamente só faz pesquisa por conta da suplementação salarial da Fundação Zerbini", revela ele.

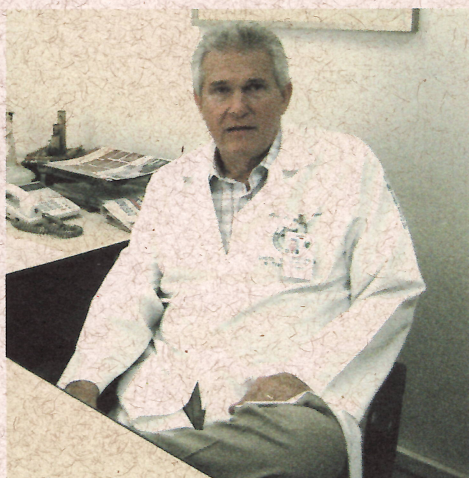
Para quem imagina que as universidades brasileiras estão a anos-luz das americanas, o Prof. Rogério Meneghini tem uma surpresa. Ele fez uma comparação entre as universidades brasileiras, com mais de 100 citações, e algumas das top americanas, como Stanford e Harvard: "O resultado não é tão maior. É o dobro. Principalmente, se compararmos o investimento que os EUA fazem em pesquisa, em termos de PIB, com o que é investido no Brasil" explica Meneghini.

"O grande desafio da Unifesp atualmente é estabelecer uma pesquisa forte nas diferentes áreas do Conhecimento, além das médicas e biomédicas" afirma a Prof<sup>a</sup> Helena Nader. "Só assim, não só os excelentes pesquisadores que temos aqui vão continuar se destacando, mas a Unifesp vai crescer e chegar ao nível que ela merece", finaliza ela.

**SAC**

A partir de agora você dispõe de mais um serviço para agilizar a sua comunicação com a Fap-Unifesp. Usando o e-mail [sac@fapunifesp.br](mailto:sac@fapunifesp.br), você tira dúvidas e faz sugestões a respeito das atividades da Fundação. Você pode ainda utilizar o mesmo serviço pelo telefone **11 3369.4000**, opção 4.

# Unifesp inicia a Reforma do Estatuto



▲ Prof. Walter Albertoni é o presidente da Comissão de Reforma do Estatuto.

Dentro de algum tempo, a Unifesp terá um novo estatuto. Essa decisão foi tomada pelo Conselho Universitário para adaptar o ordenamento acadêmico e administrativo da Universidade à realidade atual. Nos últimos anos, por proposição do Ministério da Educação, a Universidade tem se expandido como outras tantas instituições federais brasileiras. O fato é que a Unifesp deixou de ser uma universidade temática para ser uma universidade plena. Hoje são cinco campi que abrigam 19 cursos nas áreas de ciências humanas, exatas e biológicas. Tornou-se necessário, portanto, uma reforma que contemple a situação atual da Unifesp e que preveja um futuro de avanço em várias áreas do conhecimento.

Para isso foi criada uma comissão de Reforma do Estatuto da Unifesp formada por 15 professores titulares, 6 professores adjuntos, 3 técnicos administrativos, 1 pós-graduando, 1 residente, 5 alunos da graduação e um representante de cada um dos campi, num total de 35 membros.

Na presidência dessa Comissão está o Pró-Reitor de Extensão da Unifesp, Prof. Dr. Walter Manna Albertoni, que fala a seguir sobre o que ele espera do trabalho.

## 1. Como o senhor imagina que será o trabalho dessa Comissão?

Prof. Walter Albertoni: Antes de abrir a 1ª página do Estatuto é fundamental desenhar o modelo institucional que se pretende. Qual é o modelo? Não adianta reinventar a roda. Existe o modelo USP, de faculdades isoladas, existe o modelo Unesp, que é mais centralizado, modelos novos como o da Universidade da Bahia onde os alunos entram e vão sendo selecionados ao longo do curso. Este é um modelo que segue parcialmente o padrão do projeto de Bolonha. Existem diversos modelos pedagógicos que estão em andamento em outras universidades que poderiam ser adaptados.

## 2. Começaria-se do zero?

Prof. WA: Nós temos uma tradição de 74 anos de Medicina, 69 de Enfermagem, 41 de Biomedicina. Têm coisas que não podem ser perdidas. Nosso objetivo é olhar para frente. Essa comissão tem que ouvir pessoas, reitores de outras universidades, estudiosos de modelos pedagógicos. Existe uma literatura relativamente extensa. Existem algumas coisas interessantes que foram implantadas na Universidade de Brasília que acabaram se perdendo depois da mudança de regime político em 1964. Na verdade, essa comissão tem que estudar o que existe mas também olhar para dentro de si e ver o que tem de valores que precisam ser preservados.

## 3. Quais são os pontos que o senhor acredita que sejam polêmicos?

Prof. WA: Um deles é se os Departamentos devem continuar ou não. Se no lugar deles, deveríamos criar Institutos. Talvez, com eles, conseguíssemos um modelo multidisciplinar. Mas não podemos adotar uma política de 'arrasa terra' do tipo 'agora é assim e pronto'. Nós pretendemos dividir essa comissão em grupos que veriam como

estão funcionando outras universidades públicas e depois sim dizer o que o nosso modelo pode incorporar.

## 4. Existe um prazo para a conclusão dos trabalhos dessa Reforma?

Prof. WA: Não existe um prazo. Eu acho que deve ser o tempo que fôr preciso. É como fazer uma casa. Primeiro, faz-se o projeto e depois faz-se a construção. A pior coisa que pode acontecer é começar a redigir o estatuto e precisar voltar atrás para rever o que não vimos. Aí volta e começa a mexer lá atrás. Temos que ter um ritmo de reuniões, um ritmo da programação de pessoas convidadas para participar. A dinâmica de como o trabalho vai ser feito vai ser discutido com toda a Comissão.

## 5. Qual será a dinâmica de funcionamento da Comissão?

Prof. WA: A comissão vai se reunir todas as segundas-feiras, das 11h ao meio-dia, exceto na última segunda-feira de cada mês, quando nos reuniremos durante a manhã toda. Criamos duas subcomissões: uma vai estudar como têm funcionado os campi da Unifesp e as aspirações de alunos e professores. A outra, irá se debruçar sobre os modelos de estatuto existentes em outras universidades e ouvir entidades ligadas à Unifesp, como a dos docentes e a dos funcionários administrativos.

## 6. Quais serão os passos seguintes à redação do projeto de Estatuto?

Prof. WA: Depois de redigida a minuta do estatuto, ela será encaminhada ao Consu para discussão e aprovação. Em seguida, irá para o Ministério da Educação, que vai dizer se ela está coerente.

## Boa sorte e bom trabalho.

Prof. WA: Obrigado. Nós vamos precisar dos dois.

### Expediente:

Ação Fap é uma publicação da Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo. **Presidente:** Durval Rosa Borges **Vice-Presidente:** Clovis Ryuichi Nakaie **Diretor Administrativo:** Roberto Augusto de Carvalho Campos **Diretor de Ensino:** Benjamin Israel Kopelman **Diretor de Pesquisa:** Manoel João Batista Castello Girão **Editor:** Ricardo Gomes (Mtb 17.118) **Projeto Gráfico e Produção:** Omni Comunicação **Tiragem:** 7.500 exemplares **Impressão e acabamento:** Nywgraf

**Fap-Unifesp** Rua Dr. Diogo de Faria, 1087, 8º andar, cj.801, CEP 04037-003 (Vila Clementino) São Paulo - SP  
Tel: (11) 3369.4000 **Atendimento:** sac@fapunifesp.br